

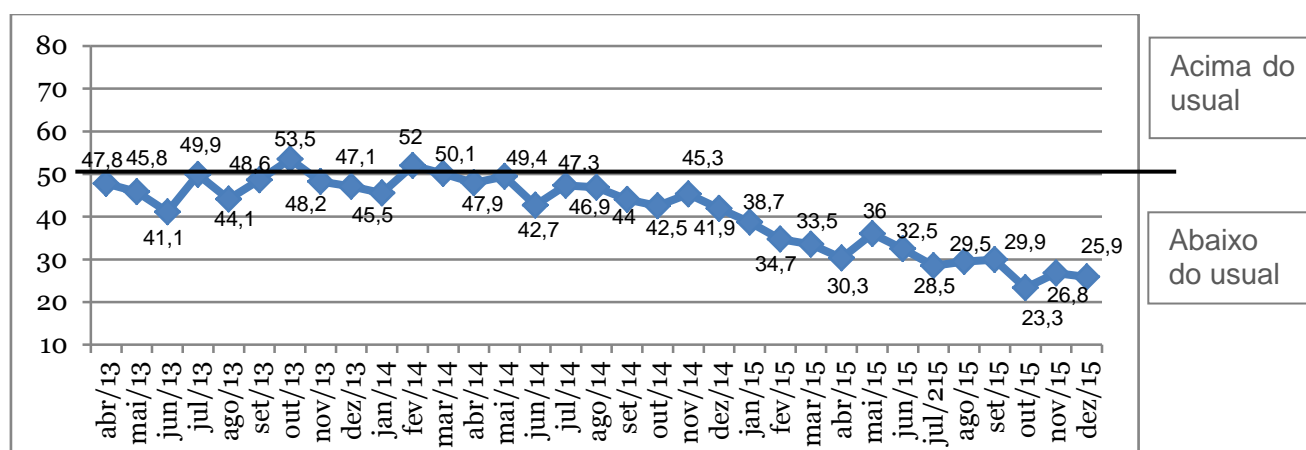
Indefinição política potencializa crise em 2016

Visão Geral

A pesquisa realizada pela FIESC junto com a CNI entrevistou 39 empresas, sendo 14 de pequeno porte, 19 médias e 6 grandes. Destas, 18 são da construção imobiliária, 12 de obras de infraestrutura e 9 de prestação de serviços.

O nível de atividade da indústria da construção recuou, em dezembro, para 33,9 pontos, contra os 41,4 de novembro. O nível de atividade usual para o período, 25,9 pontos, é inferior aos 26,8 registrados em novembro. A comparação da pesquisa é centralizada em 50 pontos que correspondem a linha divisória. Acima de 50 o nível de atividade é considerado positivo e abaixo negativo.

Nível de atividade em relação ao usual (pontos)



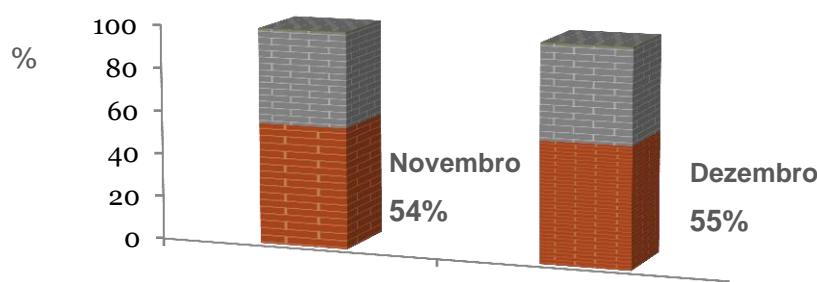
Fonte: FIESC e CNI

Em dezembro, o indicador de número de empregados, 37,4 pontos, é inferior aos 38,1 registrados em novembro e muito aquém do ideal. Para os próximos seis meses, a projeção do nível de atividades de 40,4 pontos é superior à verificada em novembro de 36,9 pontos. A compra de insumos e matérias-primas, também para os próximos seis meses, em dezembro é de 40,6 contra 34,5 pontos em novembro e os novos empreendimentos e serviços, 36,8, são superiores aos 33,7

de novembro. O número de empregados para os próximos seis meses, 39,3, é superior aos 35,4 pontos registrados em novembro.

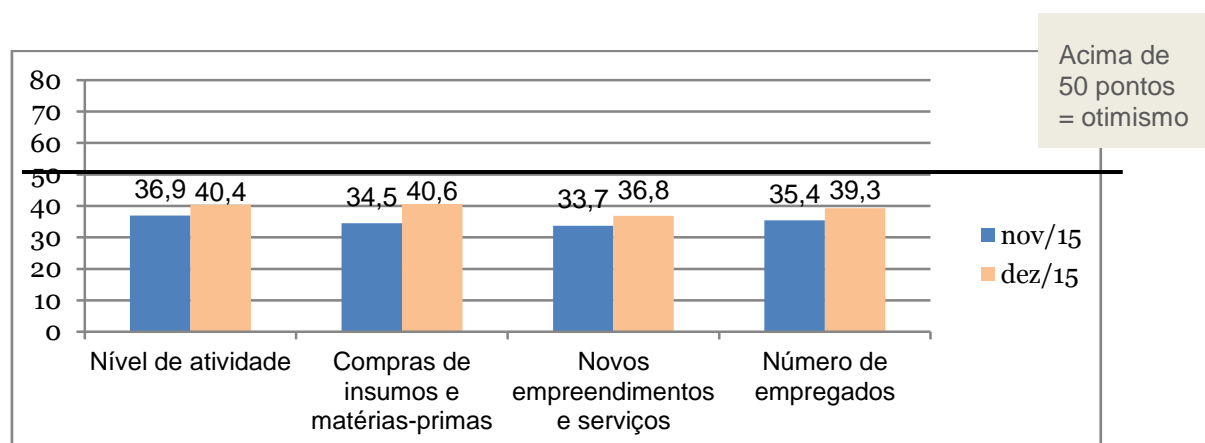
Quanto à utilização da capacidade de operação, UCO, houve ligeiro avanço de 54% em novembro para 55% em dezembro.

Utilização da Capacidade de Operação (UCO) das indústrias da Construção Civil de Santa Catarina em novembro e dezembro de 2015



Fonte: FIESC e CNI

Expectativas para os próximos seis meses (pontos)



Fonte: FIESC e CNI

Visão empresarial

Fundamental esmiuçar alguns detalhes da sondagem como, por exemplo, só 8% das empresas retrataram aumento de atividade comparativamente ao mês de novembro. Na realidade houve retração para quase 50% das empresas que fizeram parte da sondagem. A questão da baixa atividade do setor fica ainda mais visível quando se percebe que quase 80% das empresas tiveram o nível de atividades abaixo do usual.

A redução das atividades implica em quadro menor de trabalhadores, fato reportado por 41% das empresas que apresentaram redução de empregados, comparativamente ao mês de novembro. Quase 66% das empresas reportaram margem de lucro operacional menor no último trimestre do ano.

O fraco nível de atividades e a inflação prejudicaram a margem de lucro operacional o que se confirma pelo preço médio dos insumos e matérias primas no trimestre. Aproximadamente, 68% das empresas registraram aumento nos preços. Ou seja, em função do cenário de restrição das atividades, quase 54% das empresas registraram situação financeira precária o que é potencializado pela dificuldade de acesso ao crédito para 66% das empresas participantes da sondagem.

Contudo, o mais impactante, e que desnuda a sondagem, trata-se do nível de atividade para os próximos seis meses que embora seja, aparentemente, melhor que o mês de novembro, indica que só 8% das empresas projetam aumento para o próximo semestre o que é confirmado pelas compras de insumos e matérias primas para os seis meses adiante. Igualmente, só 8% das empresas devem aumentar suas compras.

Deve ser ressaltado ainda que só 13,5% das empresas pretendem realizar novos empreendimentos e serviços nos próximos seis meses e que mais de 50% estão prevendo queda. Potencializa-se a possibilidade de desemprego. Mais de 47% das empresas pretendem reduzir o número de empregados para os próximos seis meses.

À fraca atividade do setor une-se a situação conjuntural vivida pela população com a questão do desemprego, que reduz o potencial de liquidez das construtoras, e ainda o problema de falta de recursos do Governo, que deve às empresas. Embora tenha havido alguma migração da poupança para letras imobiliárias, com os saques nas cadernetas de poupança, que representam 80% do lastro do financiamento habitacional concedido pelos bancos, restringiu-se a oferta de recursos o que agravou a situação do setor e impulsionou demissões. Notícias dão conta que as áreas em que as demissões mais cresceram foram nas obras de infraestrutura (14,5%) e construção imobiliária (13%).

Resumo

Conforme comentado na sondagem anterior, para se entender o que se passa na construção civil, é fundamental perceber que por ser intensivo em trabalhadores o setor necessita contratar em períodos de alta e principalmente, quando há lançamentos de construção imobiliária e execução de obras públicas, sinal de dinamismo da economia.

Os números apresentados pela FIESC relativos ao comportamento da economia catarinense em 2015, contudo, mostram um quadro de forte contração da atividade econômica medido pelos vários indicadores.

Os problemas que afetam a indústria da construção civil são os mesmos que reduzem a atividade econômica como um todo. A falta de uma política econômica voltada para a indústria, o caos político e econômico que o país atravessa lança uma luz vermelha no sentido de se pensar como resistir em um cenário de desordem total.

A solução conhecida passa pelas reformas estruturais. A sondagem mostra que o principal problema enfrentado pela indústria da construção civil é a elevada carga tributária. É a opinião de 41% dos empresários entrevistados. Em segundo lugar, encontra-se a inadimplência dos clientes como resultado da redução da atividade econômica e, em terceiro, a taxa de juros elevada que potencializa os problemas de liquidez vividos pelo setor.

Adicionalmente aos problemas apontados, no caso da construção civil as condições climáticas desfavoráveis atrasam a conclusão das obras e multiplicam os problemas de liquidez do setor que sofre com a restrição de crédito e com as altas taxas de juros, principalmente, as empresas de menor dimensão. Por isso, 26% das empresas registraram as condições climáticas como o quarto maior problema enfrentado pelo setor junto com a falta de capital de giro e com a demanda interna insuficiente.

O remédio amargo dos juros altos potencializa a crise e agrava a situação das empresas do setor com graves consequências sociais. A indústria da construção é altamente intensiva em trabalhadores. Enquanto permanecer o cenário de indefinição política a previsão para a indústria da construção civil em 2016 é de agravamento da crise e com aumento do número de demissões com o término de algumas obras.